

A transição energética pode salvar a Europa?

A transição energética tem sido apontada como uma das armas com maior peso para a Europa voltar à rota de crescimento. E Portugal pode vir a ser um jogador de destaque neste campo.

SARA RIBEIRO

sararibeiro@negocios.pt

Numa altura em que se debate a reabertura da economia e as estratégias que podem ser mais eficazes para tirar a Europa da crise, são várias as vozes a defender que a transição energética pode ser o motor de arranque. E o “Green Deal” [Pacto Verde] é apontado como uma das armas para pôr o Velho Continente na rota do crescimento, com Portugal a poder liderar o caminho.

Os alertas sobre a importância da transição energética têm chegado de vários lados. E ganharam maior peso após terem sido revelados os números da redução de um milhão de toneladas de CO2 por dia devido à paragem da economia a nível mundial.

A eurodeputada Maria da Graça Carvalho, eleita pelo PSD para o Parlamento Europeu, defende que, face ao cenário que vivemos atualmente, “temos de repensar um pouco as estratégias que tínhamos até aqui”. Uma das sugestões da vice-coordenadora da Comissão da Indústria, Investigação Científica e Energia passa por haver maior foco, por parte do bloco europeu, em algumas áreas estratégicas como a saúde, alimentação, água, energia e ambiente. “São áreas fundamentais nas quais temos de ter ‘know-how’ e que vão ser das mais importantes na saída da crise. No fundo, é voltar um bocadinho às áreas mais básicas, que são também a base do nosso bem-estar e da nossa sobrevivência”, disse ao Negócios.

Uma das prioridades do novo Plano Marshall terá de ser as interligações elétricas.

CLEMENTE PEDRO NUNES
Professor



A transição energética deve ser vista como um motor para a descarbonização.

PEDRO AMARAL JORGE
APREN



Temos de repensar as estratégias que tínhamos até aqui.

MARIA DA GRAÇA CARVALHO
Eurodeputada



Quem tem foco na transição energética será menos afetado.

ANTÓNIO MEXIA
CEO da EDP



Clemente Pedro Nunes, professor catedrático do Instituto Superior Técnico, aponta que a atual crise veio “evidenciar, de forma cruel, as gravíssimas limitações em que a Europa se deixou cair em termos da sua capacidade de produção de bens essenciais. Por isso se fala agora, com cada vez mais insistência, num novo Plano Marshall para a Europa”. E o especialista em energia não tem dúvidas de que, para Portugal, uma das prioridades, deste novo Plano Marshall, terá de ser o reforço das interligações elétricas entre França e a Península Ibérica, uma peça “fundamental

em termos de política energética europeia e portuguesa”, mas que, “sem a respetiva concretização de novos leilões solares em Portugal, não fazem sentido”.

Portugal na liderança

O reforço da incorporação de renováveis em detrimento de combustíveis fósseis é o pilar das políticas de transição energética que estão a ser implementadas na Europa, e que podem vir a criar milhares de empregos e servir de alavancagem para a indústria, findo o estado pandémico. Razão pela qual Pedro Amaral Jorge, presidente da Associação Portu-

guesa de Energias Renováveis (APREN) não tem dúvidas de que a “transição energética deve ser vista como um dos possíveis motores para o binómio descarbonização e aceleração do crescimento da economia”.

O responsável lembrou ainda que esta aposta não passa apenas pelo “Green Deal”. E deu o exemplo da publicação, no passado dia 10 de março, da nova Estratégia Industrial para a Europa. Um instrumento “fundamental para tornar a Europa mais competitiva e líder mundial num contexto de globalização, digitalização e descarbonização da economia, que se irá repercutir num aumento do consumo de eletricidade por via de uma maior incorporação de tecnologias mais acessíveis e limpas, na promoção das tecnologias de baixo carbono e na valorização das cadeias de valor industriais”.

E apesar de a publicação deste documento ser prévia à atual crise, acredita que “esta estratégia ganha hoje acrescida relevância, podendo servir de motor de arranque à paralisação económica que assistimos e também de vetor económico diferenciador a nível mundial, que poderá trazer importantes vantagens competitivas, tornando a Europa, e consequentemente Portugal, potenciais líderes no mercado internacional, em cenário de recessão mundial”.

Maria da Graça Carvalho também não tem dúvidas do contributo que Portugal pode dar à Europa para “liderar a nível internacional” e “definir ‘standards’ mundiais”. Uma posição partilhada pelo presidente executivo da EDP, António Mexia, que deixou também o aviso de que as empresas que tiverem como foco a transição energética “serão menos afetadas” pela atual crise. ■



A energia solar faz parte das apostas de



Portugal para a descarbonização da economia.

Crise não deverá arrefecer aposta nos leilões solares

A crise pandémica e o adiamento da segunda ronda dos leilões solares não estão a afastar o interesse das empresas em investir.

A aposta no solar tem sido uma das bandeiras do atual Governo para fomentar a transição energética. E uma das principais armas para atingir as metas propostas nesse campo foi o lançamento inédito em Portugal do leilão de energia solar em julho de 2019. Uma iniciativa que ia ser replicada em março deste ano mas que, devido à covid-19, foi adiada. Uma decisão aplaudida pelo setor e que não deverá comprometer futuros investimentos na área, segundo especialistas do setor.

“Neste momento, a decisão relativamente aos leilões não podia ser outra. No contexto atual acarretaria inúmeras incertezas nas variáveis relevantes para o valor da tarifa de produção de eletricidade”, explicou ao Negócios Pedro Amaral Jorge, presidente da Associação Portuguesa de Energias Renováveis (APREN).

Quanto ao impacto desta situação nos investimentos que estavam em curso decorrentes do primeiro leilão solar, o responsável acredita que os que estavam numa fase mais avançada – com acordos de construção e de financiamento fechados – não estarão em risco. Porém, “os restantes projetos, em que tal não se verifica, enfrentarão provavelmente dificuldades acrescidas, pois a liquidez do mercado financeiro pode reduzir-se abruptamente e as cadeias de valor serão obrigatoriamente afetadas”. Por estes motivos, o líder da APREN espera “que a tutela [Ministério do Ambiente e da Ação Climática] seja sensível a estas situações e estabeleça prazos que se coadunem com a atual situação económica”.

700

LEILÃO

O segundo leilão solar, que deverá arrancar em junho, vai disponibilizar 700 megawatts distribuídos pelo Alentejo e Algarve.

Já Sara Rodrigues, especialista da área de energia na consultora Marsh, relembra que Portugal tem assistido a “um forte investimento estrangeiro nos últimos anos” na área das renováveis, nomeadamente no solar. E apesar da suspensão dos leilões e da situação pandémica “espera-se que este cenário se mantenha a médio prazo”, comentou.

Uma posição partilhada pelo presidente da APREN que revelou ainda que não têm tido qualquer indicação de empresas a querer sair do país, “muito pelo contrário”. Pedro Amaral Jorge admitiu que, “como é natural, há preocupações, nomeadamente no que se refere ao consumo de eletricidade” que devido à paragem da economia deve continuar a encolher. Mas sublinha que “se trata de uma crise mundial” e as empresas do setor a operar em Portugal detêm ativos fixos no país “e irão manter a sua operacionalização”, sustentou. ■

SARA RIBEIRO